

Cresce adesão no crédito ao Brasil

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

"Já temos compromissos ('commitments') num total superior a US\$ 3 bilhões e as mensagens de telex estão chegando rápida e furiosamente." Essa revelação foi feita ontem, à noite, por William Rhodes, do Citibank, presidente do comitê assessor dos bancos credores do Brasil, que previu a continuação desse mesmo ritmo hoje e amanhã.

Como amanhã é feriado nos Estados Unidos — Dia dos Veteranos —, o Citibank montou um esquema especial para receber e computar as mensagens que forem recebidas. "Bill" Rhodes deverá telefonar na segunda-feira ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière, para informar se o total dos "commitments" recebidos atinge pelo menos 80% ("o ideal seria 90%", segundo uma fonte do FMI) dos US\$ 6,5 bilhões previstos como a parcela



William R. Rhodes

dos bancos privados dentro do pacote de renegociação.

Rhodes recusou-se a dizer quantos bancos já enviaram seus "commitments", preferindo informar apenas que as respostas recebidas incluem médios e pequenos (o menor de todos foi de US\$ 19 mil, de um banco regional americano). Também, segundo

Rhodes, já aderiram todos os catorze membros do comitê assessor, inclusive o Lloyds. Uma fonte com acesso ao comitê estimou que as respostas representam menos de cem dos oitocentos bancos convidados a participar do pacote. Segundo esta fonte, só os 74 bancos envolvidos diretamente na negociação — os catorze do comitê assessor mais os sessenta membros de subcomitês ou coordenadores regionais — representam mais da metade dos US\$ 6,5 bilhões. Mas ele disse que a grande maioria dos bancos estava aguardando a aprovação do Decreto-lei nº 2.065 para enviar o telex de "commitment", e por isso, ele acredita que a meta de 80% será tranquilamente superada até sexta-feira.

Rhodes também informou que todos os bancos receberam ontem um telex do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, dando conta da aprovação do nº 2.065.

Outras fontes bancárias informaram que os bancos alemães, suíços e italianos já aprovaram sua participação no pacote e apenas aguardavam a passagem do 2.065, pelo Congresso, o que causou um evidente alívio tanto em Nova York quanto em Washington. Quase todos os banqueiros americanos e brasileiros ouvidos por este jornal consideram que a aprovação da nova lei salarial eliminou o clima de tensão e permite a previsão de que tudo marchará tranquilamente até o dia 18, quando a diretoria do FMI sacramentará o programa de ajustamento brasileiro. Uma fonte do banco Morgan — que coordena a parte de "dinheiro novo" na renegociação — também informou que "as respostas estão chegando no ritmo previsto".

Uma fonte de um dos bancos texanos que estiveram presentes à reunião de Dallas com Angelo Calmon de Sá, Castro Neiva e Car-

los Eduardo de Freitas confirmou que alguns desses bancos são favoráveis a uma redução dos "spreads" (percentagem cobrada acima da prime rate ou da taxa interbancária) e comissões que os grandes bancos vêm cobrando ao Brasil. Revelou que o vice-presidente do Morgan e do comitê assessor, Leighton Coleman, que acompanhava a delegação brasileira, manifestou-se frontalmente contrário à sugestão.

(Ver página 16)